



O GRANDE FUTURO

Desde os primórdios do Cristianismo, observamos aprendizes que se retiram deliberadamente do mundo, alegando que o Reino do Senhor não pertence à Terra.

Ajoelham-se, por tempo indeterminado, nas casas de adoração, e acreditam efetuar na fuga a realização da santidade.

Muitos cruzam os braços à frente dos serviços de regeneração e, quando interrogados, expressam revolta pelos quadros chocantes que a experiência terrena lhes oferece, reportando-se ao Cristo, diante de Pilatos, quando o Mestre asseverou que o seu reino ainda não se instalara nos círculos da luta humana.

No entanto, é justo ponderar que o Cristo não deserdou o planeta. A palavra dele não afixou a negação absoluta da felicidade celeste para a Terra, mas apenas definiu a paisagem então existente, sem esquecer a esperança no porvir.

O Mestre esclareceu: – “Mas agora o meu reino não é daqui.”

Semelhante afirmativa revela-lhe a confiança.

Jesus, portanto, não pode endossar a falsa atitude dos operários em desalento, tão só porque a sombra se fez mais densa em torno de problemas transitórios ou porque as feridas humanas se fazem, por vezes, mais dolorosas. Tais ocorrências, muita vez, obedecem a pura ilusão visual.

A atividade divina jamais cessa e justamente no quadro da luta benéfica é que o discípulo insculpirá a própria vitória.

Não nos cabe, pois, a deserção pela atitude contemplativa e, sim, avançar, confiantemente, para o grande futuro.

Emmanuel

Do livro: *Pão Nosso*. FEB
Psicografia: Francisco C. Xavier

Estudo: *O Evangelho Segundo o Espiritismo* – Cap. II – “Meu Reino não é deste mundo”, itens 5 a 7.

O PONTO DE VISTA

5. A ideia clara e precisa que se faz da vida futura dá uma fé inabalável no futuro, e essa fé tem consequências imensas sobre a moralização dos homens, visto que ela muda completamente o ponto de vista sob o qual eles encaram a vida terrestre. Para aquele que, pelo pensamento, se coloca na vida espiritual, que é indefinida, a vida corporal não é mais que uma passagem, uma curta estada em um país ingrato. As vicissitudes e as atribulações da vida não são mais que incidentes que ele recebe com paciência, porque sabe que são de curta duração e devem ser seguidos por um estado mais feliz; a morte nada tem de assustador; não é mais a porta para o nada, mas a porta da liberdade que abre para o desterrado a entrada de uma morada de felicidade e de paz.

Sabendo que está em lugar temporário e não definitivo, ele aceita as inquietações da vida com mais indiferença, e disso resulta, para ele, uma calma de espírito que lhe suaviza a amargura.

Pela simples dúvida que possua sobre a vida futura, o homem dirige todos os seus pensamentos para a vida terrena. Incerto quanto ao futuro, consagra-se ao presente; não entrevedendo bens mais preciosos que os da Terra, ele é como a criança que não vê nada além dos seus brinquedos, e para obter esses bens o homem faz de tudo; a perda do menor desses bens é um desgosto profundo; um descontentamento, uma esperança perdida, uma ambição não satisfeita, uma injustiça da qual ele é vítima. A vaidade ou o orgulho ferido são, da mesma forma, tormentos que fazem da sua vida uma angústia sem fim e assim, voluntariamente, ele se entrega a uma verdadeira tortura de todos os instantes.(...)

6. (...) Ora, a procura do bem-estar força o homem a melhorar todas as coisas, ele é impulsionado pelo instinto do progresso e da conservação, que está nas leis da Natureza. Ele trabalha, portanto, por necessidade, por gosto e por dever, e, cumprindo os designios da Providência que o colocou sobre a Terra para esse fim. Somente aquele que considera o futuro, dedica ao presente uma importância apenas relativa e se consola facilmente dos seus infortúnios, pensando no destino que o aguarda.

Deus, portanto, não condena as satisfações terrenas, mas o abuso dessas satisfações em prejuízo das coisas da alma; é contra esse abuso que se previnem os que aplicam a si mesmos estas palavras de Jesus: “Meu reino não é deste mundo”.

Aquele que se identifica com a vida futura é semelhante a um homem rico que perde uma pequena soma sem se comover; o que concentra seus pensamentos na vida terrestre é como um homem pobre que perde tudo o que possui e se desespera.

7. O Espiritismo amplia o pensamento e lhe abre novos horizontes, em lugar dessa visão estreita e mesquinha que o concentra na vida presente, que faz do instante que se passa sobre a Terra a única e frágil base do futuro eterno, o Espiritismo mostra que essa vida é apenas um elo no conjunto harmonioso e grandioso da obra do Criador; ele mostra os vínculos que unem todas as existências do mesmo ser, todos os seres de um mesmo mundo e os seres de todos os mundos. Ele dá, assim, uma base e uma razão de ser à fraternidade universal, enquanto que a doutrina da criação da alma no momento do nascimento de cada corpo torna todos os seres estranhos uns aos outros. Essa solidariedade das partes de um mesmo todo explica o que é inexplicável, se apenas considerarmos uma única parte. É essa visão de conjunto que os homens não teriam compreendido no tempo de Cristo, por essa razão o seu conhecimento foi reservado para outros tempos.